

O LUGAR DA FAMÍLIA, CONSIDERANDO JOVENS EM GANGUES, EM BRASÍLIA. DIÁLOGO E CURTOS CIRCUITOS COM WINNICOTT. DESAFIOS PARA A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE A SOCIOLOGIA E A PSICANÁLISE.

MARY GARCIA CASTRO

PhD em sociologia e pós doutorado em Estudos Culturais. Professora UCSAL-Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea e Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania. Coordenação do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre juventudes, identidades, cidadania e cultura-NPEJI/UCSAL, bolsista produtividade CNPQ e pesquisadora da FLACSO-BRASIL. – castromg@uol.com.br.

RESUMO: Sinto-me neste Colóquio como estranha no ninho. Sou socióloga, com pesquisas no campo de juventudes e gênero e não conhecia Winnicott até recente proposta/desafio de meu amigo e colega no Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, José Euclimar Xavier de Menezes, para que revisitasse estudo do qual participei sobre jovens em gangues (Abramovay et al, 2010) e neste, o lugar da família, após leituras daquele autor, especializado em psicanálise infantil. Winnicott (1896-1971) é conhecido por seus estudos sobre a importância da relação mãe-lactente para o desenvolvimento emocional do indivíduo e tem vários textos sobre adolescentes, jovens e 'comportamento anti social'.

Ou seja, o desafio é por uma leitura desde a sociologia reflexiva e de cunho interacionista simbólico-campo em que me situo, de trabalhos de Donald W. Winnicott sobre comportamento anti social, adolescência e juventude.

Palavras chaves: Juventude. Gang. Sociologia. Winnicott

ABSTRACT: In this Colloquium I feel as a strange in the nest. I am sociologist and develop field research on youth and gender. I got acquainted with Winnicott (1896-1971) quite recently by a challenge and a proposal of Dr Jose Euclimar Menezes, my friend and fellow in the Graduate Program on Family in the Contemporary Society. He asked me to review my study on youth and gangs (Abramovay and Castro 2010) taking in account the development psychoanalysis Winnicott approach on the emotional importance in the family, of motherhood to babies and his work on "anti social youth. In other words, the challenge is to present a reflexive sociology combined with symbolic interactionism critical reading of Donald Winnicott work on 'anti social 'adolescence and youth.

Keywords: Youth. Gang. Sociology. Winnicott

Menezes, cuja área de pertencimento é a filosofia da psicologia e da psicanálise, e eu compartilamos interesse no debate sobre interdisciplinaridade em ciências sociais e muito afeto, o que envolve, já primeira identidade com o lido em Winnicott, trânsitos entre amor e agressividade em buscas, disputas de ‘verdades’, partes de um processo de amadurecimento intelectual. Segundo Winnicott em livro publicado em 1965 “onde houver sofrimento aí poderá ser dada ajuda” (Winnicott 2011: 294). E de fato, este texto foi sofrido em sua elaboração, como é sofrida esta apresentação. Está permeado por medo de que tenha incorrido em interpretações aligeiradas, restritas a alguns textos de um autor com uma vasta produção em psicanálise infantil, e por medo de incorrer em uma falácia de níveis equivocados, como discutir conceitos orientados pela clínica e a terapia, com ênfase no inconsciente e na díade mãe-lactante por perspectiva sociológica preocupada com sujeitos no coletivo, instituições e perfilhar grupos, tendências e diversidades identitárias, tidas como socialmente construídas, como juventudes.

Este é um texto, pedido de ajuda, diálogo ampliado, apresentado em Colóquio com distintos especialistas nos trabalhos de Winnicott. Representa uma primeira decolagem a partir de alguns trabalhos daquele autor. Então apresento dúvidas, desconfortos e preocupação sobre a construção de perspectiva interdisciplinar, o que implica em ajudas mútuas, enfrentar desencontros entre saberes que partem de *doxas* e práticas tão distintas e o complexo desafio de como combinar e assumir fronteiras entre o inconsciente, o subjetivo, o individual e o social, conflitos e negociações de poderes, estruturas, instituições, ênfase em relações sociais. Mas anima tal esforço algumas ‘comunalidades’, como a preocupação em compreender e colaborar com o desenvolvimento de jovens, inclusive violências e limites de prevenções e cuidar contra estigmas sociais, violências institucionais em relação aos jovens, ou como expressa Winnicott (2005: 168-177) em conferencia proferida para equipe de

seniores do Departamento Infantil do London County Council, fevereiro de 1961. (Revisto e publicado em 1963).

Uma das primeiras lições que temos a aprender é que a adolescência não é algo que possa ser empurrado para fora do palco por falsas manobras.

A propriedade de tal alerta para o Brasil, hoje, ilustra-se com as terríveis estatísticas sobre mortes por causas externas, principalmente homicídios, entre crianças, adolescentes e jovens. Segundo o “Mapa da Violência. Crianças e Adolescentes no Brasil, 2012 (Waiselfisz 2012)”, o Brasil em 2009 continua ostentando a posição de quarto país no mundo quando classificado por crianças e adolescentes (10 a 14 anos) mortos por homicídio- 3,4 por 100 000 pessoas naquela faixa etária. Se a faixa considerada são pessoas em idades jovens (15 a 24 anos), no contexto internacional, o Brasil ocupa a sexta posição, tanto no total de homicídios quanto nos homicídios juvenis, nos 100 países que apresentam dados oriundos da Organização Mundial da Saúde (Waiselfisz, 2011). Segundo Waiselfisz, (2011: 154):

Continua a crescer a vitimização juvenil por homicídios [considerando o período 1998-2008]. Se em 1998 a taxa de homicídios de jovens era 232% maior que a taxa de homicídios da população não jovem (menos de 15 e mais de 24 anos de idade), em 2008 as taxas juvenis já são 258% maiores. Se essa é a média nacional, há ainda as Unidades Federadas com índices de vitimização acima de 300%. Ou diversos estados com jovens representando mais da metade das vítimas de homicídio.

O uso de leitura sociológica de trabalhos do campo da psicanálise Winnicotiana, considerando sua possível propriedade para reflexões sobre jovens em gangues, o estudo foco deste texto (Abramovay et al 2010), apoiando-me também em heresia assumida inclusive por Winnicott como tal, ou seja, seu debate sobre conceitos próprios da ciência política e da sociologia, como democracia. Winnicott assim inicia o texto “Algumas considerações sobre o significado da palavra democracia”:

Em primeiro lugar, devo dizer que estou emitindo opiniões sobre um assunto que está fora de minha área de especialidade. É possível que, num primeiro momento, os sociólogos e cientistas políticos se ofendam com esta impertinência. Mesmo assim, me parece proveitoso que os especialistas atravessem suas fronteiras de tempos em tempos, contanto que percebam (como certamente o faço) que seus comentários inevitavelmente parecerão ingênuos aos olhos daqueles que conhecem toda a literatura relevante e estão acostumados ao jargão profissional que o excursionista ignora totalmente. (Winnicott, 2011:227)

Não faz parte da agenda deste texto discutir aquele texto, ou o que de fato me parecem reificações conceituais, mas louvo sua criatividade e ousadia em observar então que “tentasse aqui, dar início a um estudo psicológico do termo ‘democracia’” (Winnicott, op.cit, p 228) o que legitima que eu ouse aqui apropriações sociológicas de textos seus sobre privação e delinqüência, no sentido de reivindicar que a díade mãe-filho e o conceito de família têm uma força simbólica consciente que se sustenta, em falas de jovens, por contrastes com outras relações sociais, carências e trânsitos por ambientes sociais hostis em toda uma trajetória de vida. Desconfio portanto da tese de que o comportamento anti social possa vir a ser entendido somente por explorações de perdas, privações, traumas quando da relação mãe-lactante, além de questionar a sublimar culpabilização e carga que a psicanálise Winnicottiana, como a leio, joga para a mãe, de alguma forma marginalizando o fato de que essa mãe é também uma mulher e que vive em contextos sociais que lhe impõem restrições para dar conta da exigência de que a ‘família seja um ambiente favorável à criança’ como ele defende.

Em Winnicott, minha leitura, suas teorias decolam por casos clínicos, destacando o indivíduo, e se elabora e re elabora em períodos os mais diversos, como período de guerra, pos guerra e com pessoas de classe media principalmente em famílias nucleares que nos parecem estarem em relações harmônicas, ou que deveriam, para dar ao bebê um ambiente propício ao desenvolvimento emocional; orienta-se para análises da do inconsciente, destacando a importância da relação mãe e filho nas primeiras idades, ou o bebê no colo da mãe, privações não conscientemente reveladas, ou perdas de proteções quando da vida familiar na primeira infância, o que Winnicott se refere como o ambiente, seu foco básico.

Já nossas referencias básicas no estudo sobre gangue e gênero (Abramovay et al 2010) , são análises de representações de jovens, focalizando relações sociais diversificadas em distintas instituições, em processo contínuo de identificação e tentativas de ‘des-identificações’; focalizando na adolescência a ênfase na fratria, o estar com pares, conflitos entre o que chamam de *família de rua*, lealdades aos *compas* da gangue e a *família de casa*; a perda progressiva de autoridade desta e de seu lugar de “outro significativo” (Mead 1934) mas não perda de seu lugar simbólico de afeto ou idealizado como tal.

Destacamos no estudo (Abramovay et al 2010) nas falas de meninos e meninas em gangues a elaboração de um projeto próprio, qual seja ter poder, fama, aparecer pela

transgressão, ser reconhecido por *galeras*, estar na internet, pelas letras da pichação, apoderando-se da cidade, inclusive pelo medo, *barbarizando*, e demarcando territórios de poder; projeto que passa por *guerras* (brigas com gangues rivais), *frevos* (farras, muitas envolvendo bacanais), drogas, críticas à escola e à lei. Críticas essas embasadas por violências de varias ordens sofridas em particular nas mãos da policia, ou negação de instituições publicas como possíveis lugares de acolhimento.

Defendemos, no livro (Abramovay et al 2010) o princípio de que em uma sociedade de classes e de desigualdades sociais varias e diversas tribos culturais é mais apropriado falar em juventudes e situá-las considerando estruturas sociais e a consciência de que poder e fama seriam ethos básicos na sociedade de espetáculo, contemporânea, e que um tipo de caminho para o reconhecimento social para algumas juventudes, como as gangues, seria o exercício de poder por violências, pelo uso de um capital juvenil básico, adrenalina e vontade de correr riscos, ou seja, negar proteções e privilegiar a fama e a admiração por pares, mesmo causando sofrimentos a outros, a familiares e principalmente à mãe, o que lhes faz viver em ambivalências, culpas e racionalizações- *faço o que gosto, é vicio*; buscas por afirmar autonomias e entre dependências, inclusive do afeto e cuidados dos pais, principalmente da mãe.

Encaixa-se ao que se reflete sobre jovens, personagens da pesquisa “Gangues, Gênero e Juventudes. Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos” (coordenado por Abramovay, 2010)- núcleo deste trabalho-, varias figuras destacadas por Winnicott (2005) em suas palestras sobre privação e delinqüência, como as categorias que destaco0 no quadro seguinte, pinçando algumas de suas assertivas:

Quadro 1

Extratos de Palestras de Winnicott sobre Privação e Delinqüência – categorias selecionadas para este texto

Relação entre privação e delinqüência

Pretendo dar uma descrição simples e, no entanto, exata, de um aspecto da delinqüência, uma descrição que ligue a delinqüência à privação da vida familiar. Isso pode ser proveitoso para aqueles que desejam entender as raízes do delinqüente. (Winnicott (2005: 127 - palestra sobre “Alguns aspectos psicológicos da delinqüência juvenil”, pronunciada para professores em 1946)

A criança anti-social está simplesmente olhando um pouco mais longe, recorrendo à sociedade em vez de recorrer à família ou à escola para lhe fornecer a estabilidade de que necessita a fim de transpor os primeiros e essenciais estágios do seu crescimento emocional. (Id. p 130)

Importância do exame do inconsciente

Em primeiro lugar, convido a um exame da palavra inconsciente [...] O inconsciente pode ser um estorvo para quem gosta de tudo simples e arrumado, mas decididamente não pode ser ignorado por planejadores e pensadores. (Id. p. 127)

A necessidade do pai severo e amoroso

Na delinqüência plenamente desenvolvida, a situação fica difícil para nós como observadores porque o que nos chama a atenção é a necessidade aguda que a criança tem de um pai rigoroso, severo, que proteja a mãe, quando ela é encontrada. O pai rigoroso que a criança evoca também pode ser amoroso, mas deve ser antes de tudo, severo e forte. Somente quando a figura paterna rigorosa e forte está em evidencia a criança pode recuperar seus impulsos primitivos de amor, seu sentimento de culpa e seu desejo de corrigir-se. A menos que se veja em apuros, o delinqüente só poderá tornar-se cada vez mais deprimido e despersonalizado, tornando-se por fim totalmente incapaz de sentir a realidade das coisas, exceto a realidade da violência (Id. p 131)

Na delinqüência há um grito de esperança –um SOS

A delinqüência indica que alguma esperança subsiste. Vocês verão que, quando a criança se comporta de modo anti-social, não se trata necessariamente de uma doença, e o comportamento anti-social nada mais é, por vezes, do que um SOS, pedindo o controle de pessoas fortes, amorosas e confiantes (Id. p 131)

“Algumas das necessidades dos adolescentes:

A necessidade de **evitar a solução falsa**: a necessidade de se sentirem verdadeiros ou de tolerarem não sentir nada;

A necessidade de **desafiar** – num contexto em que a dependência deles é satisfeita e podem confiar em que continuará sendo satisfeita;

A necessidade de **espicaçar constantemente a sociedade**, para que o antagonismo da sociedade se manifeste e possa ser enfrentado com antagonismo (Id. p 172)

De fato as diferentes modelagens de pesquisa e análises entre uma corrente da psicanálise, no caso a Winnicottiana, e uma corrente da sociologia--estruturalista/reflexiva e que decola da fala e vivencia dos sujeitos--, não necessariamente resulta em negação sociológica de varias colocações de Winnicott, em especial do que entendi e pude relacionar à pesquisa com jovens em gangues, em que pese as diferenças epistemológicas

Enfatizo no quadro anterior vários construtos daquele autor pertinentes ao estudo sobre jovens em gangues, assim como a propriedade do enfoque mãe e filhos, mas, independente do ciclo de vida destes; do conceito de privação, mas aqui defendido como carências de várias ordens, e de comportamento anti social como esperança.

Por outro lado, expresso desconfortos com o conceito de ambiente, quando restrito a relação mãe e filho ou à família nos primeiros anos, o que pode dar margem, insisto, à culpabilização da mulher, da mãe por trajetórias anti sociais. Trajetórias que se constroem por diversos tipos de relações sociais e múltiplos condicionamentos.

Advirto mais uma vez que minhas referencias básicas para este texto são leituras rápidas de conferencias de Winnicott reunidas sob o titulo “Privação e Delinquência” (Winnicott,2005) e “Tudo começa em Casa” (Winnicott 2011) e estudo realizado entre 2008 e 2009, em Brasília, com rapazes e moças em gangues voltadas para pichação, em cidades satélites caracterizadas por situação de pobreza, sendo que alguns com envolvimento em vários comportamentos considerados ilegais, como roubos, agressões, vandalismo de patrimônio, prostituição, uso e trafico de substancias psicoativas e até homicídios. O estudo foi publicado com o titulo “Gangues, Gênero e Juventudes: Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos” (coordenado por Abramovay et al 2010) e contou com a participação de uma equipe multidisciplinar, sociólogos, antropólogos e uma psicóloga. Portanto o que apresentamos desse estudo traz varias colaborações, não somente a minha, participe dessa equipe.

No capitulo seguinte após breve apresentação do escopo desse estudo refiro-me com mais detalhes a representações que os jovens fazem sobre a família parental e em especial à mãe e o que os jovens chamavam de *familia de rua*, os amigos da gangue.

ALGO SOBRE “GANGUES , GÊNERO E JUVENTUDES”

O livro “*Gangue, gênero e juventude: donas de rocha e sujeitos cabulosos* (Abramovay et al 2010) explora o universo das gangues de pichadores no Distrito Federal, analisando seus discursos e vivências. Apresenta um elenco variado de temas, com ênfase em questões de gênero e construções transversais de masculinidades e feminilidades. O estudo desenvolveu-se por meio da observação de campo, da realização de entrevistas e grupos focais, de contatos na rede virtual e de pesquisa bibliográfica¹. A seguir destaco dessa pesquisa, um tema, a família.

¹ “A pesquisa segue caminho qualitativo e uma abordagem socioantropológica. O trabalho de campo foi um componente básico do estudo, tomando-se a imersão em campo como requisito para

A FAMÍLIA, REPRESENTAÇÕES DE JOVENS

A maioria dos jovens em gangues vive com suas famílias, comumente constituída por mãe e irmãos, e, em alguns casos com a presença de um pai ou padrasto, ou por avós. Alguns poucos já constituíram nova família, referindo-se a este fato como responsável por sua saída da *gangueragem*.

Não se observou associação entre tipo de família e vida em gangue ou envolvimento em contravenções. Isso vem questionar a comum culpabilização das famílias pelas transgressões cometidas pelos jovens, estigmatizando-as como “desestruturadas”, ainda que se registrem alguns casos de envolvimento dos pais com drogas e com o crime .

A maioria dos testemunhos dá conta que os familiares sofrem e rejeitam o tipo de vida dos filhos, sentindo-se, freqüentemente, impotentes para intervir nas historias dos jovens. Neste âmbito, tendem a se resignar com o papel de cuidar dos filhos quando suas escolhas conduzem a conseqüências negativas, como acidentes ou detenções.

As relações dos jovens *gangueros* com a família são muitas vezes condicionadas pela ambiência de pobreza. Apesar de presentes desde a infância, muitos desses condicionamentos só são compreendidos em etapa de maturidade, como indica um jovem de 25 anos de uma das gangues abordadas. Essa compreensão pode resultar na recomposição do vínculo afetivo, importância de ter *quem confiar e quem acredite na gente*, sugerindo que traumas, privações perdas sofridas podem ser recompostos na trajetória das relações mães-filhos.

(H-25 anos) Quando eu tinha um ano de idade minha mãe me deu pra minha tia, fui só entender isso quando eu tinha uns sete ou nove. E era quando eu estava começando a ficar revoltado porque minha mãe tinha me dado. Ai com uma idadezinha maior, doze anos, fui saber o porquê. Porque minha mãe não tinha condições, aí ela deixou eu ir morar com minha tia para eu não passar fome. Quando minha mãe fez isso à pessoa que ela mais ama

se adentrar no universo simbólico dos pesquisados. Correspondeu, desse modo, a uma fase intensa de pesquisa ao longo do ano de 2008, com incursões também em 2009, tendo sido realizadas interlocuções que envolveram 73 participantes (mantendo-se uma proporção relativamente equilibrada entre o número de jovens do sexo masculino e feminino). Contabilizaram-se, nesse processo, cerca de 15 grupos focais, 17 entrevistas (individuais e em grupo) e 12 incursões observatórias (reuniões, eventos sociais e encontros informais), assim como intensa comunicação por internet (email, Orkut e MSN) e por telefone” In Abramovay et al, 2010; 25).

nessa vida, eu perdoei ela de boa. Hoje minha mãe é uma pessoa que eu coloco na frente de tudo nesse mundo. (Grupo focal masculino.)

Alguns dos entrevistados, destacam revoltas, incompreensões, no âmbito familiar que se transformam em desentendimentos e sensações de não pertencimento: *a minha mãe não me entende. Também, ela não me ouve!* Escutar e ser escutado parecem ser uma das principais reivindicações dos jovens.

Em pesquisas sobre juventude é comum se destacar o lugar dado para a família entre os jovens, geralmente tida como a instituição que mais se confia, em que pesem divergências quanto a orientações e conflitos (ver entre outros Abramovay e Castro 2006). De fato, a maioria dos entrevistados destacam seus vínculos com a família: *minha mãe e a minha avó são as pessoas mais maravilhosas que eu tenho nesse mundo.* A afetividade em relação à família, personificada nas figuras da mãe e da avó, é bastante sublinhada: *polícia não me abala, droga não me abala, a única coisa que me abala é minha mãe.*

Os jovens reconhecem que suas vivências em gangues trazem preocupação para a família: *é bom ficar na rua porque tem frevo, amigos, mas também tem a outra metade que é a parte ruim, que é o desgosto da mãe, que a minha mãe pra mim é tudo.* Há inclusive os que admitem que o sofrimento dos pais por sua vida em galeras lhes amarga a existência: *normalmente a mãe não quer dinheiro, a mãe quer a alegria do filho. Eu mesmo sou um que só fiz mancada*

São varias as estratégias de mães, pais e filhos para a convivência com o estilo de vida desses. Há jovens que temem a reação dos pais, principalmente pelo sofrimento dado a esses, como ilustra uma menina sobre a preocupação dela com a mãe ao ser presa:

(M- 16 anos) Um dia que eu fui pra DCA [Delegacia da Criança e do Adolescente]. Me pegaram que eu tinha roubado e pichado. Aí minha mãe foi lá, me tirou e eu fui pra casa, fiquei com medo. Medo da minha mãe, não era medo, era medo de dar desgosto pra ela. Porque da polícia não tenho medo porque eu sou de menor. E também dos cabrito [membros de gangue rival] que tinha lá dentro Não tenho medo, enfrento. (Grupo focal com meninas)

Muitos, principalmente as jovens, tratam de esconder dos parentes com quem convivem, suas andanças e hábitos. Segunda uma menina, *minha mãe não libera não [sair para pichar], mas a gente sai escondido, dá o perdido.*

Ana² representa uma típica menina de gangue. Não trabalha, só estuda, vive com a mãe, que trabalha em ocupação de serviços, no setor formal. Ana também consegue, com suas *virações*, algum dinheiro, mas é basicamente sustentada pela mãe que não sabe que ela continua relacionada a gangues. Há algum tempo, quando soube de seu pertencimento a organizações dessa espécie, sua mãe pediu para que ela saísse da gangue e ela lhe disse que tinha deixado de sair com pichadores.

Manter segredo, porém, não é considerada tarefa fácil pela maioria dos pesquisados. Em seus discursos, as mães aparecem como detentoras da habilidade de mapear as intenções de seus filhos, intuindo se eles estão fazendo algo reprovável: *minha mãe, só de olhar para a minha cara, sabe que eu estou mentindo.*

Mostrar-se pela internet em poses ousadas, eróticas, com drogas, armas é parte da cultura de gangue, mesmo correndo riscos de perseguição policial. *E a utilização de meios de comunicação, especialmente da internet, também dificultaria a manutenção do segredo de ser de gangue : a minha mãe sabe porque ela descobriu pelo Orkut. Ela viu e mandou eu sair, eu falei que já sai faz tempo.*

Eles também afirmam que as mães conseguem reconhecer sua corporalidade sob qualquer disfarce:

H1- 20 anos – Você viu aquela reportagem lá, que o rosto está desfigurado com uma tarja? ela bateu o olho, minha mãe falou: ‘é tu!’ - ‘Que eu, mãe, como você sabe? ‘É você O detalhe da boca, o olho’. – ‘Mãe, eu não estou vendo nem olho, nem boca nesse negócio aí’. ‘É você, eu sei que é!’ Você sabe como é: mãe, reconhece mesmo, reconhece, não tem como esconder não.(Grupo focal, misto)

A revelação da participação em gangues nem sempre é explícita. Por vezes, segundo os entrevistados, as mães sabem de suas atividades, mas escolhem não discuti-las. Ou fingem não saber, por reconhecer de antemão sua impotência diante do fato:

² Nome fictício

H- 21 anos: Mas eu boto fé que a mãe nunca acredita, ela finge que acredita pra mim. O que ela quer descobrir de mim ela descobre. Eu achava que ela nunca ia descobrir essas coisas minhas aí, mas ela descobriu algumas coisas aí. Mas eu boto fé que mãe e pai sempre sabem.

Ent.: E por que ela finge que não sabe?

H: Pra não ter desgosto. Tipo minha mãe sabia que eu fazia tudo né, droga. Mas meu pai não, meu pai ficou sabendo que eu falei pra ele. No dia que eu briguei com ele e saí fora de casa. (Grupo focal misto)

Fazer referências de forma afetiva e com respeito aos pais, principalmente à mãe, não identifica significativamente a obediência a esses. Ao contrário, o recorrente é declarar que os pais e parentes com quem vivem não apoiam o envolvimento em gangues. Sofrem e se preocupam com tal tipo de vida, mas não têm como impor autoridade. Alguns ressaltam que os pais não têm muita opção e que punições como bater ou castigo não resolveriam:

M- 16 anos – Minha mãe sabe [que ela participa de gangues e comete roubos]. Minha mãe não gosta não. Minha mãe chora. É igual à dela, elas duas sofrem demais, mas o que a gente pode fazer?

Ent. – Sofre, mas dá apoio?

M – Não ela não dá apoio. Ela simplesmente fala. Ela pode fazer o que?

Ent. - Ela não te bate?

M1 – Não. Ela não me bate. Ela é normal. Eu nunca apanhei.

M- 14 anos – Apanhar é pior, às vezes o filho faz e se revoltar. A mãe bate, aí às vezes ele até acostuma. Vou apanhar de qualquer jeito... (Grupo focal, feminino)

Vários pais só se apercebem que os filhos estão envolvidos com atividades de gangue que podem significar riscos em estágio avançado do processo. No depoimento, seguinte uma ilustração e um tipo de reação da mãe, que busca se aproximar dos amigos dos filhos e assim acompanhar mais de perto o que o seu faz:

H- 18 anos – [No início] era mais de boa, porque ela pensava que era um negócio bem mais tranquilo. Eu mostrava as letras para minha mãe; eu falava: ‘Ei mãe, esse L aqui é legal? Esse N aqui é legal?’ Ela falava: - ‘É esse L aqui é legal’, sei o que lá, ‘esse aqui não parece muito não’. Aí eu: ‘não, de boa, então eu vou botar o outro e tal. Ela era tranquila’. Aí depois, começou a pesar muito o bagulho, entendeu? Quando ela viu que estavam meio feias as coisas, polícia, gangue, tudo envolvido, aí ela não gostou. Aí ela ficou meio insegura, aí ela ficou meio assim. Aí quando ela descobriu que neguinho puxava o bonde mesmo... Ela pensava que era coisa

passageira, coisa de moleque. Quando ela foi ver a situação mesmo, que os polícias estavam indo lá em casa: - ‘Cadê teu filho?’ ‘Por que?’ ‘Ele é líder de gangue’, isso, isso e aquilo outro. Ela: ‘Não, o meu filho não é não!’ ‘Ah, não é não?’ ‘Blábláblá, mostra uns negócios pra ela lá’ ‘Ah, meu Deus do Céu, é mesmo!’ Aí ficou doidinha. Ela tipo me pedia pra ficar na moral, pra não ficar se envolvendo muito.

Apesar de a quase totalidade das mães dos entrevistados não aprovar sua participação em gangues, as reações e comportamentos destas para lidar com a situação não são homogêneos. Enquanto algumas se esforçam em estabelecer um diálogo para dissuadir seus filhos dessa vida, outras se empenham em reprimir diretamente todas as ações que possam conectá-los com esse universo.

Há casos em que o pai e a mãe reagem de forma singular. No caso seguinte, o pai sabe e se conforma com a vida da filha, inclusive considerando que são tantos os riscos nos ambientes em que circula a filha, que o estar em gangue, seria menos negativo que uma gravidez:

M- 16 anos -Mas o meu pai, ele me prefere na rua do que com namorado. Ele fala assim: ‘A rua não vai acabar com a tua vida, te engravidando, fazendo você perder seu tempo’. Eu acho que é porque ele fica com medo de eu me iludir demais com a pessoa e, um dia, eu acabar sofrendo muito, acabar com um filho, nas costas, sem ninguém. Meu pai fala: ‘As suas amigas não vão te engravidar’. Mas o meu pai ele é meio assim, sabe, ele é meio nervoso, porque ele era do exército e tal, então ele era bem nervoso; aí, depois, foi passando o tempo e ele foi ficando mais de boa. Eu conto assim, de tudo, pra ele: ‘Ah, pai, eu estou com a arma de um moleque ali, eu posso guardar aí?’ Ele fala: ‘Não, não, aqui não, dá um jeito, não deixa isso aqui não, porque, já pensou se acontece alguma coisa?’ Ele fica todo preocupadinho, sabe? Eu falo: ‘Então tá, pai’. Tudo bem! Meu pai é engraçado, ele é gente boa. (Entrevista em grupo feminina)

Algumas mães se “acomodam” ao fato das filhas estarem em gangues e assumem a estratégia de vigilância consentida e negociada para sua proteção, para poderem lhes ajudar principalmente em caso de prisão ou acidentes, abdicando da repressão ou imposição da autoridade também pelos limites de uma proibição.

Não há indícios de que a aparente ou real aceitação das mães à vida pública das filhas envolvidas em gangues seja por indiferença ou desleixo, mas sim por certo sentido de

impotência associado à intenção de exercício de alguma proteção. O caso de Rosa³ é emblemático. Rosa está grávida e a mãe, que antes tinha que conviver com a rotina da filha, agora passa a impor maior autoridade, para sua proteção por sua condição de grávida, o que é mais aceito pela filha, ainda que sob protesto, sugerindo também consciência de sua maior vulnerabilidade e necessidade de proteção:

Rosa – 16 anos. A gravidez está indo. Eu só fico em casa agora, não agüento mais. Vejo todo mundo saindo, fazendo altas coisas e eu só em casa. Não saio porque minha mãe não deixa. Ela fica me torrando o dia todinho. O telefone toca e ela fica: ‘Quem é? Quem é?’ Ai no outro dia ligou o pessoal, aí ela atendeu o telefone e disse: ‘a Rosa está dormindo’, vai e desliga. Às vezes eu estou no banheiro, só escuto o portão batendo, ai eu vejo todo mundo saindo ai eu vou dormir.

Ent. Mas antes também ela falava coisas para você e você fazia o que queria. Como é que é agora?

Rosa– Ah, mas agora por causa do neném. Ela fala: ‘ah, você vai sentir fome e ninguém vai pagar lanche para tu’; ‘você vai querer ir ao banheiro, ninguém vai te acompanhar você vai lá sozinha, ficar ai saindo e se tu cair, não sei o quê, se alguém te machucar, se os canas te bater?’ , não sei o quê. Fica só torrando e eu fico cansada de ouvir ela falar que eu pego e vou dormir mesmo. Ante ontem, eu aprontei mesmo, eu tomei 3 remédios para dormir, só para não escutar a voz dela, ai eu pá, dormi.

No caso dos rapazes, há mais imposição, por parte deles, de um estilo de vida quer aos pais quer à família constituída, sem muitas sutilezas ou negociação. Se testemunhos anteriores, de meninas, indicam que as mães não sabem ou se omitem porque desconfiam e se sabem impotentes para mudarem rumos da vida das filhas, no caso dos rapazes, muitos homens nem tentam esconder de seus pais seu envolvimento com gangues, justificando-o como uma situação de irreversibilidade, com um certo fatalismo:

H- 17 anos: Minha mãe sabe. Eu me sinto meio constrangido, mas sei lá. Já está dentro, agora é tarde para correr. O que ela pode fazer se é o mundo que eu quero viver?

H- 19 anos- Todos os dias na hora de deitar ela toma remédio, ela ora quando estou na rua pra voltar pra casa. O negócio é que a gente não alisa ninguém, nós somos os primeiros a entrar na briga. Não queremos saber se apanhamos.

³ Nome fictício

H1: Que nem eu falo pra minha mãe: se o cara quiser me bater, se vier na mão eu vou logo meter um tiro na cara. Para o cara nem triscar o dedo em mim, nem de macho eu gosto.

Ent-E você se dá bem com a sua mãe?

H1: Me dou muito bem. (Grupo focal masculino)

Apesar de ambos os discursos, tanto o masculino quanto o feminino, enfatizarem a impotência da mãe para impedir a *gangueragem*, os homens parecem fazê-lo de uma maneira mais assertiva e autoritária. A afirmação de suas identidades e masculinidades está acima do desejo da mãe.

O sofrimento e angústia dos pais e das mães cujos filhos estão envolvidos em gangues que se enfrentam em guerras e se envolvem em brigas, armas, roubos e drogas são muito pouco retratados no noticiário, que comumente culpabiliza a família pela vida dos filhos sem refletir sobre os limites desta. Aos familiares, principalmente no caso dos filhos resta o artifício, como a avó da citação a seguir, de compactuar com a esquizofrenia de dividir espaços negando a existência da pessoa *gangueteira*, que atende por seu apelido, em oposição ao neto, que atende pelo nome de batismo:

H- 15 anos - Minha avó já sabe do meu movimento no meio da rua. Os moleques já sabem que se me chamarem pelo meu apelido de Z [apelido na gangue] ela diz; 'Não tem nenhum Z aqui não, não mora nenhum Z aqui não'. A minha casa quando não era pintada era toda pinchada meu quarto é todo riscado de jet. (grupo focal masculino)

A autonomia dos jovens é ampla quanto à circulação pelo público, o que se respalda na impotência dos familiares para impor limites nesse espaço, principalmente quando são fortes os vínculos com a *família de rua*, como o pessoal de gangue se refere carinhosamente à seu grupo. Mas os jovens se apóiam na *família de casa*, outro comum vocabulário, de sentido próprio. Sentem-se dependentes afetivamente e se precisam de ajuda em caso de prisão ou acidente costumam recorrer à família: *com minha mãe é jogo aberto ela sabe já foi na Promotoria comigo, negócio de pichação, em delegacia, em escola*. A família é também uma das principais fontes de sustentabilidade, mesmo quando se conhece o envolvimento dos filhos em atividade não aprovada, como as gangues.

Os jovens em gangues relatam histórias variadas sobre vida familiar, não necessariamente sugerindo reproduções intergeracionais da “delinqüência” ou a

predominância do que se costuma ideologicamente chamar de “famílias desestruturadas”. São muitos os casos de famílias recompostas, integradas por mães, padrastos e outros parentes.

É comum casos de ausência de pai, mas é arriscado associação causal entre estar na transgressão, em vida de gangue e não ter um pai ‘amoroso, severo’ em casa como preconiza textos de Winnicott como importante para evitar que os jovens se metam em comportamentos anti sociais (ver Quadro 1). Inclusive entre líderes de gangues, e jovens com pesado currículo de contravenções há casos de jovens de famílias nucleares ‘completas’, e pais evangélicos.

De fato é comum que os jovens indiquem a mãe como a figura de referência, ou a avó, dado que muitos vivem em família monoparental ou recomposta. Em alguns poucos casos se reproduz o estereótipo de atribuir ao tipo de família, o fato de *aprontar*. *Eu não tenho pai, tá ligado? A maioria das vezes o cara que apronta é que não tem pai, tá ligado?* A história de vida de um outro rapaz que declara ter se iniciado em crimes aos 7 anos, também se encontra no mesmo diapasão:

H- 19 anos - O negocio também não é só traficar ou matar os outros, é crescer revoltado com pai e mãe. Meu pai se matou quando eu tinha sete anos. Já daí mesmo veio minha vida louca, com sete anos já passei a roubar.

Ent.- Como é que é? Fala mais da família aí, você mora com sua mãe?

H- Moro com minha mãe um padrasto meu minha irmã e meu sobrinho.

Ent.- Você tem um bom relacionamento com eles?

H- Tenho, até tenho, mas não é a mesma coisa que a mãe sente pelo filho. Perdi um pai com sete anos de idade, um pai que você gosta muito você fica, aí tua mãe vai e arruma um cara que você não gosta, eu vou é matar ele. É rebeldia moço.

Ent.- O que ela acha desse negocio de gangues?

H- Minha mãe é mais revoltada, minha mãe fica doida. Todo dia na hora de chegar tenho que ouvir alguma coisa, pior que é a mesma coisa. Minha mãe é boa mas ela nunca me deu o que eu quis, tá ligado? Mas pra minha irmã ela já dava tudo. Foi mais um motivo d’eu virá vida louca. Eu mesmo queria roubar pra conseguir minhas coisas, pra qualquer coisa ela querer controlar, até é a hora que a mãe vai conhecendo os erros também. Não é só o filho que erra, mãe tem hora que dá uns erro. (Grupo focal masculino)

Alguns são críticos dos pais e os culpam pelo envolvimento com gangues e vida de crimes, associando o tipo de vida que levam a conflitos familiares:

M- 19 anos: Na maioria das vezes é por causa da família sim. Também tem gente que procura mas na maioria das vezes, neguinho entra em gangue por causa da família sim. Conflito dentro de casa, pais que não ligam. Porque dá revolta. A maioria das pessoas aqui tá com revolta. A mãe não dá atenção aí já vai dando revolta. E a mãe fica sabendo que você só fez uma coisinha assim já desiste de você, e fala 'você faz o que você quiser, a vida é sua'. Aí você precisa dela e ela nem faz questão mais, tudo gera revolta. Quanto mais tu tem desgosto mais parece que o filho faz coisa errada.

M – 16 anos- Se você não tem uma relação boa com a família, você não vai ter responsabilidade pela vida. Oxi, eu não quero nem saber, quero usar maconha, quero fumar, quero cheirar, e não tô nem aí. Hoje ela [a mãe] não quer saber mais nada, se eu estudo, se eu trabalho. Ela não deixa sair com meus irmãos, ela não deixa eu conversar com eles. Eu sou indigente dentro de casa. (Grupo focal feminino)

E há conflitos que se dão pela falta de condições da família de sustentar os gastos dos filhos, recorrendo esses a roubos, como no caso de uma menina que assim se justifica: *a gente precisa de tudo, se nossa mãe não liga pra gente, a gente tem que se virar pra comprar uma roupa, um creme, um desodorante.*

Vários dos jovens entrevistados, de ambos os sexos, avaliam como negativo o seu comportamento, justificando assim os conflitos familiares: *a mãe tinha confiança, mas a confiança na gente acabou.* Outra menina reconhece que não há como estar bem com a família: *a gente não está bem com a família a gente só quer saber de ficar na rua, fumando maconha.* Na maioria dos casos mais que relações amistosas há persistência das mães por mudar os filhos, intensificando os momentos de brigas ou uma postura de *deixar para lá, ela já nem me liga.*

A entrada para o mundo das gangues não pode ser explicada univocamente. Os motivos e causas que concorrem para que o jovem faça esta opção estão presentes em diversas esferas de suas vidas, inclusive nos tipos de relações estabelecidos nas famílias. Se for bem verdade que não se pode conectar por meio de relação causal os tipos de família e a entrada de jovens em gangues, também o é que a família é uma das principais fontes de referência para crianças, adolescentes e jovens, mas com autoridade relativa e não em suas buscas por autonomia, *fazer o que me dá na telha.*

Até aproximadamente a metade do século XX, o modelo de vida dos pais costumava ser o almejado pela maioria dos jovens. As referências estavam dadas, e segui-las era se não compulsório, socialmente esperado. E o trabalho e o estudo eram considerados caminhos para ser como os pais ou vir a ter mais do que eles.

A gama de possibilidades de trajetórias vem se expandindo. Assim, conforme aponta Le Breton (1991):

A entrada na vida é um momento de prova, de crise, de luta e de renúncia, durante o qual o jovem das sociedades ocidentais é confrontado com uma multitude de papéis possíveis, livre por uma parte para realizar suas escolhas pessoais, ao mesmo tempo em que limitado pelas condições sociais (sua origem de classe, etc.) (LE BRETON, 1991, p.94)

Neste processo, parece ocorrer, entre os *ganguinhos* entrevistados, uma espécie de falta de reconhecimento dos pais como referência de tipo de vida a ser seguido. Seus pais ou avós não partilham do status social desejado pelos jovens, nem costumam referir-se ao lazer e ao prazer como valores ou direitos a serem desfrutados. Segundo uma entrevistada:

Eu tenho muita pena da minha mãe pelo que eu faço a ela, pela preocupação que eu dou. Mas eu tenho pena também da vida dela. Começou com o que meu pai fazia com ela, o jeito que ele tratava ela. Hoje em dia ela é doméstica, trabalha a semana toda na casa do patrão. Dia de fim de semana vem para a casa, volta na segunda. É essa mesma vida sempre, de ser capacho (Entrevista com mulher – 17 anos).

Esta espécie de falta de referências parece ser suprida, em alguma instância, pelo apelo imagético da vida pública pelo risco: ser corajoso, aventurar-se, ser esperto, famoso e temido, ter mobilidade por alguma carreira que atraia holofotes, mediática. Estes são os novos parâmetros a seguir, plenamente contemplados na vida *ganguinha*.

Os pais, principalmente a mãe, continuam a ser referências de afeto, proteção, mas não modelos de vida a serem seguidos. Para alguns, *são legais, mas são uns otários*. Seriam desempoderados socialmente não por não serem ‘amorosos, exercerem autoridade, serem severos’, mas porque não ‘venceram na vida’, nem ganham o necessário para ter os bens almejados, nem são admirados por estarem no palco. *Meu pai é legal, mas é um João ninguém*.

Os jovens *gangueiros*, ao mesmo tempo em que reclamam da vigilância dos pais e de suas constantes brigas ocasionadas pelo estar em gangues (*minha mãe vive xaropando, é chato demais. Não tenho um minuto de paz na minha casa*), ressentem-se da falta de cuidado quando os pais não exercem esta vigilância. Reconheço então a ambigüidade a que se refere Winnicott (2005), buscar autonomia e ser dependente.

A importância do sentido da família para os jovens, como rede de afeto e proteção, mais que propriamente de vínculos tecidos por consangüinidade, transparece na maneira em que se usa o termo família para destacar a importância das gangues. Faz parte do vocabulário de sentidos desses jovens, o termo *família de rua*. Essa família se expande por vários territórios, sendo a referência maior a gangue:

H- 22 anos. A gente não fala nem que é gangue, a gente fala que é família, que aqui o vínculo é forte. Só a minha galera, se contar a primeira geração até hoje, passa de 300. Uma família imensa. (Grupo focal masculino)

Alguns afirmam lealdades à família de casa e à de rua, declarando que têm vínculos fortes com os pais mas nem por isso deixam a gangue. Outros comparam a família de casa com a de rua, separando esferas de circulação. A família de casa de fato mais se afirma em casos de cuidados, como colaborar na criação de filhos:

Ent.- Você falou da sua mãe, falou da polícia, da escola da igreja. Tem algum desses lugares que vocês confiam? Em que vocês confiam.

M- 15 anos – Só em Deus e em mim também.

M -14 anos – Eu confio em Deus e na minha mãe.

Ent. E nos meninos da galera vocês não confiam não?

M- 16 anos – Confiança, confiança, só em pai e mãe. Em pai e mãe você pode confiar neles pra sempre, porque eles nunca vão te abandonar. Guerrinha, essas coisas de briguinha, é com os meninos. Agora problemas assim, igual, tô com problema com a minha filha, tenho que confiar é na minha mãe, porque a minha filha não vai sair da casa dela para ir lá em casa e chamar a fulana [amiga de gangue] para eu ir pro hospital.

Ent. – Esse é o primeiro filho seu, é? Quem vai criar?

M-16 anos – Eu. Eu e minha mãe

Ent. – Tem gente que diz que a galera é ainda mais importante que a família. Você acha que não?

M-14 anos - Eu acho que família é família, tudo é seu sangue, nè? Agora, tem gente na galera que a gente nem conversa, tem uns que você confia, tem uns que você conversa. Tem gente que quer ser mais que os outros, sempre tem um né? Que quer ser mais que os outros. (Grupo focal feminino)

Por vezes, os jovens se referem a vidas distintas e paralelas: uma na família de casa, outra na família de rua. Já para alguns a família de eleição, a família de rua, é o porto de proteção que pode vir a se tornar mais importante que a *família de casa*:

M- 17 anos. Quando eu fui expulsa de casa, procurei família e me viraram as costas, igrejas, me viraram as costas, amigos, amigos mesmo de família viraram as costas. As únicas que me ajudaram, ia dar um mês que me “conheciam”, minha companheira de gangue que me colocou dentro da casa dela, me deu comida, roupa, me ajudava no meu vício, porque eu não podia parar de usar drogas, se eu parasse eu dava epilepsia e ela me ajudava, me dava dinheiro. Até hoje ela é madrinha do meu filho. (Grupo focal feminino)

As identidades pessoais, dentro de galeras com perfilhação semelhante quanto a hábitos e vínculos, são ressaltadas não somente em relação à família de casa como também em relação aos outros, da rua, ou de outras gangues. A produção de identidades nas gangues se reafirma na diferenciação entre os que são de ‘dentro’ e os que são *de fora*: *A gente não aceita o cara de fora, ele vai apanhar, vamos quebra esse cara que ele é intruso; A gente tem trezentos amigos, vai para a casa de um, para a casa de outro. A solidariedade gangueira tende a ser reafirmada quando existem situações de conflito na família de casa:*

H- 17 anos- Eu mesmo já fugi de casa quando era moleque milhões e milhões de vezes, os amigos meus nunca me abandonaram, nunca sempre me deram a mão, quando você briga com sua mãe lógico que você não vai ficar na rua, tem sempre um amigo seu ali da sua galera que vai falar ‘vamo lá pra minha casa’ e te entende.

É a denominação *família de rua* a responsável por demarcar a diferença entre os companheiros de gangue e quaisquer outros amigos, de bairro ou de rua. A gangue vem conferir ao grupo uma identidade grupal legítima que reafirma e valoriza a solidariedade.

H- 19 anos. Não tem como comparar não [gangue com amigos de rua]. Na gangue a gente é uma família, neguim na rua não tem regra, vira seu amigo pra te roubar teu tênis ou vai matar você, ou fazer casinha [intriga, armadilha] pra você. Quando eu mudei prá cá, o cara ali matou seu próprio irmão por causa de droga, na galera não rola isso. (Grupo focal masculino)

A fratria, o sentido de ajuda mútua, de proteção contra os outros, especialmente as outras gangues, sedimenta a rede que fortalece a família de rua. A proteção mútua é mais um demarcador entre o nós e o eles:

M 14 anos – Porque a gente é mais unida que as outras e porque a gente pode não ter muita picha, a gente pode não ser igual, não ser uma galera grande, mas a gente tem mais união e mais atitude. Porque a gente é unida moço, mexeu com um, mexeu com todos e elas não, elas não são assim.

M 15 anos – Perguntam da gente e sabem e as outras ‘donas’ não é assim porque as outras donas podem ter uma quadrilha grandona delas na nossa frente, se tiver a tiver a nossa gangue toda elas correm da frente.

Ent. – Elas têm medo?

M 15 anos – Não é medo, é respeito. Elas sabem que a gente é unida e que uma não deixa a outra na mão. Por que a gente tem mais atitude; elas são patricinhas e a gente não, a gente nasceu foi aqui na Ceilândia não é só pichadorinha assim...

M 14 anos - de beco, de luguete. Os meninos da minha galera não querem saber se eu fiz algo de errado, eles querem saber o que você está fazendo comigo, porque eles não deixam. Eles não querem saber se eu estou errada ou não, porque se eu sou da galera, eu sou da galera. (Grupo focal misto)

Mais que a proteção por tradição, obrigação, dever de parentesco, a família de rua se sustenta por gostar de estar junto, fazer coisas juntos, cultivar a amizade e enfrentar os outros, de outras galeras: *porque os Z [a gangue] são os maiores e mexeu com um, mexeu com todos, é família.* Segundo outra menina: *Eu gosto da pichação, mas, mais do que a pichação eu gosto dos meus amigos, o que importa para mim não é escrever meu nome na parede, mas as minhas amizades. Eu gosto deles serem a minha família, eu gosto deles demais.*

As famílias de rua se formatam não só por companheirismos- a gente se vê todos os dias- e proteção, mas também por regras, códigos de pertença e de lealdade. Mas se a gangue por metáfora é referida como família, não necessariamente reproduz a família de casa, e para muitos jovens há diferenças básicas entre as duas:

Ent.- Qual é a diferença entre família de rua e família de casa?

M 18 anos- Bem diferente. Dentro de casa é tudo certinho e na rua o que vier pra nós está bom. Pra mim, é mais importante a família de casa é claro, mas tem gente que prefere os amigos. Tem um cara da minha gangue mesmo que ele é louco. Ele já não liga para as pessoas de dentro de casa, ele quer saber do que está acontecendo lá fora. Tipo, aqui é tudo, tipo guerra, pichação é a vida dele. Agora negócio de dentro de casa, ele não está nem aí.

M 15 anos – Têm muitos também que esquece a casa, não ta nem aí pra mãe, a mãe fala...

M 14 anos – Então, a família Z [a gangue] pra mim é mais unida do que a família de casa. A gente briga todo dia, mas a gente volta a se falar rapidinho. Lá em casa não, quando eu brigo com alguém lá de casa, eu fico é anos sem falar. Eu já briguei com elas [companheiras de galera] tantas vezes, a gente briga de cinco em cinco minutos, mas a gente volta a se falar em cinco minutos também (Grupo focal feminino)

Alguns fazem referencia a ajuda mútua nas galeras e recorrem como o jovem cujo discurso se transcreve a seguir, à comum comparação entre tipos de família, mais favorável à família de rua, o que pode indicar racionalização para justificar a preferência por essa:

H- 16 anos. É por isso que eu falo que a gente é uma família. Por exemplo, quer a atenção da mãe, pra falar de um problema, mas muitas vezes a mãe tá estressada por causa do problema dela. Aí a gente não entende, porque adolescente quer a solução do nosso problema e vai querer buscar a solução do problema se precisar. Esses amigos, o que eu não encontro em um irmão em casa, eu encontro em um irmão na rua. Chega as contas um irmão tá com 50 reais, e você tá pedindo 1,50 para ir de um lado para o outro da cidade, você tá a pé e o irmão não dá. Chega nesse aqui, ele tá de carreta e fala ‘bóra lá’, nem precisa por gasolina não, ‘bóra lá.’ Por isso a gente fala que é família. Se acontecer alguma coisa com esse, é uma frota, se apanhou você pode ter certeza que vai ter umas 80 pessoas na porta do colégio, na porta da casa dele no mínimo. Se foi tiro, ou se não for na mesma hora, nós vamos correr atrás. É uma família mesmo, o vínculo é pesado (Grupo focal masculino)

Importante ressaltar que a amizade e a fratria não se estruturam apenas por afetividade. Estão também presentes outros fatores, como o valor instrumental corporativista e a segurança. Pondera uma menina: *se acontecesse alguma coisa com você, alguém da sua família ia te dar segurança, não ia? A gente se junta mais por segurança.* A comunicação flui mais fácil entre pares, apoiada no vínculo geracional: *nem tudo a gente pode conversar dentro de casa, e com o povo da rua pode.* O reconhecimento e o prestígio conferidos pelos pares, assim como a identificação com o igual, são outros valores a favor da família da rua.

M- 15 anos. Eu não vou falar com a minha mãe : ‘mãe, vamos fumar um?’. Eu acho que o que faz a gente andar junto é pela consideração. Eu não quero uma pessoa falsa do meu lado e as pessoas vêem que você é uma pessoa de boa, você não cabrita, não faz mal com eles, e eles confiam em você e não cabritam com a gente também. Como se fosse irmãos. (Grupo focal feminino)

O diálogo e a identificação mútua aparecem, mais uma vez, como responsáveis pelo respeito, escuta e admiração. Reconhecem nos pares uma identidade e partilham de admiração para com eles. Esta parece ser uma das questões concernentes às querelas no âmbito familiar: os *gangueiros* não reconhecem nos pais trajetórias nas quais se podem espelhar. Apesar de relatarem admiração pela garra das mães ao criá-los em meio a dificuldades financeiras e emocionais, não almejam histórias de vida semelhantes.

Ao mesmo tempo, a ausência de referências familiares não é suprida pelas escolas, cuja estrutura é falha na transmissão de capital cultural. Estas referências são, pois, construídas a partir de seus pares, baseadas em valores veiculados mediaticamente, como o gosto pelo risco como afirmação de uma existência que não faz mais tanto sentido ensimesmada na família (LE BRETON, 1991).

Os jovens em galera consideram que a identificação com os amigos de gangues é mais sólida que com outros de diversas ambiências: *pode ter outros amigos, mas você nunca vai ficar mais com os outros amigos do que com os da gangue*. A fratria constituída nas galeras estaria dada pelos *habitus* compartilhados, o que se confunde com a identidade coletiva, de ser gangue, o gregarismo que não é independente dos construtos dessa formação. Perguntado ‘por que é mais forte o laço com os amigos da gangue do que com os amigos lá fora’, um jovem observa: *porque a gente sai pra pichar, a gente fica a madrugada inteirinha na rua, a gente é uma tropa de gente. Todo dia a gente se encontra na quebrada, a gente vê uma galera na pracinha, rapidinho tem muita gente*.

Os conflitos com os familiares por conta do estilo de vida e o desgaste das relações contribuem para uma idealização e reforço da vida em gangue. Como se pode inferir do discurso seguinte de um jovem, convive-se com a ambigüidade entre a certeza de que se magoa a mãe com seu comportamento e a expectativa de ‘compreensão’ e apoio dessa. A incompatibilidade entre lealdade com a família de rua e os valores da família de casa permeia ambigüidades.

M-19 anos. Eu acho que eu não to satisfeita porque no meio de droga..., eles [companheiros da gangue] são os únicos que me consideram, nem minha família. O que eu mais queria hoje é que minha mãe me considerasse. Ela me chama de indigente, menina que não tem jeito, drogada e que não tem como. Ela não confia em mim, ela não quer mais saber, ela não me considera

mais como filha dela. Hoje em dia eu to na casa da minha mãe, a gente mora no mesmo teto e a gente não tem aquela conversa de filha e mãe, a gente não tem uma amizade, e é desse jeito. Eu acho que se eu me envolvi nisso é porque eu quis, e isso é uma consequência. Eu não vou poder apagar da minha mãe o que ela já viu, eu não vou poder apagar o que ela sabe de mim. Isso é muito ruim entendeu. Desde pequena, eu não tive pai, e eu morei na casa da minha vó, e ela também me largou e eu cresci com meus avós, depois de um tempo ela voltou. E quando ela voltou, eu me revoltei. Hoje, eu queria um apoio dela e não tenho. E é ao contrário, ela faz é ficar contra mim. E isso na vida é muito ruim, ainda mais porque é mãe, e mãe é pra vida inteira. A gente nem se fala direito, a gente só conversa o básico. Hoje não adianta mais tentar conversar com ela porque eu já fiz muita coisa. (Grupo focal feminino)

Como no desabafo da menina, antes citado, a identificação da privação a qual se refere Winnicott, a busca de algo perdido que se quer recuperar, a mãe no caso, e no comportamento anti social, também, “o grito de esperança”, a vontade de uma mudança, a que aquele autor se refere (Winnicott 2005).

Outro jovem recorre, na comparação entre ‘famílias’ (a de casa e a de rua), à alegria das relações entre os iguais, sem autoridade e cobranças. A positividade da família de rua é construída também pela crítica aos problemas tecidos com a família de casa, vinculando tal preferência à falta da figura do pai, idealizada pela perspectiva do diálogo e não da lei:

H- 18 anos - É o exemplo que eu uso aqui. Aqui não é só ‘vamo roubar, vamo pichar’, isso tem um lado ‘vamo curtir, vamo beber uma cerveja’. Que nem teve uma vez que teve uma reunião, a, aí a menina falou ‘vamos, quem tem dinheiro aí?’ ‘Ninguém?, bóra’. Cada um montou em uma bicicleta, fomos daqui até lá longe, naquela alegria, todo mundo cansado, caindo, pneu furando, mas fomos. É isso que falta na família. Aqui eu tenho certeza que todo mundo tem um problema na família, com o pai, o pai e a mãe separou e principalmente pra mãe hoje, que sente muita falta do pai para conversar. (Grupo focal misto)

Gênero é reelaborado no plano da família, reconhecendo os jovens que as relações familiares quando se está na *gangueragem* são mais tensas e conflitivas no caso das meninas, considerando-se que às mulheres se impõem mais proibição quanto a circulação no público e que no caso dos homens a preocupação dos pais mais se manifesta no sentido de proteção contra perigos e não pelas saídas à noite:

M- 16 anos. Com certeza, para mulher é mais difícil. Homem sai o tempo todo, sai de casa a hora que quiser, mulher tem que inventar um caso, falar que vai dormir na casa de uma amiga, agora homem tudo é mais fácil, homem, a mãe vai achar que tá com alguma mulher que tá com amigos, e mulher, ou tá dando ou tá fazendo besteira. (Grupo focal misto)

A fratria é arranhada pelos códigos de gênero. Ainda que muitas meninas também se refiram às gangues, todas mistas, como a família da rua. Já os rapazes sugerem que as mulheres não teriam a mesma capacidade de lealdade que os homens. Note-se que as meninas presentes no grupo não revidaram à acusação de que as mulheres *passam pano e cabritam* (traem, espionam e se passam para gangues rivais):

H- 17 anos - Entrei porque eu já sabia também, tanto que , a gente temo convívio com muita gente, quando o cara sai da adolescência, a amizade continua, sabe, a gente vai na casa deles , a gente procura saber como é que está as coisas, mesmo que ele tenha saído do movimento a gente tá sempre em contato com eles, então para mim isso ai não tem nenhum problema.

Ent.- Agora é muito masculina essa ‘família’, tem muito homem, não?.

H-18 ano. Nada, é poucas donas que fica, vê a Rita⁴ [menina da gangue] ai véi, ela tá na galera até hoje, essa é das nossa, é dona de rocha. Altas donas que tinha ai, agora ta tudo nas galera rival ai, passando o pano [traindo a gente][].

H- 15 anos. Na maioria das vezes, as mulheres são muito fracas, deixam se levar por coisa pouca ali, se levar por um camarada bonitim da outra galera, ‘cabrita já passa pano’ [inimiga, traidora]. (Grupo focal misto)

Insiste-se que não há propriamente inconsciência sobre riscos e sobre sofrimentos que se causa aos pais entre os jovens que vivem em galeras, pichando. A tônica, porém, é valorar o prazer imediatista, certo fatalismo e ter a gangueragem como uma etapa que se larga ao se constituir família, quando se passa a conviver como medo de que a historia se repetirá quando tiverem filhos e que esses com alta probabilidade também serão de gangues. Meninas e meninos refletem que não gostariam da mesma vida para os filhos, mas que como seus pais também não saberão como impingir um caminho alternativo:

Ent.- Você pensa em casar ?

M- 18 anos - Penso

Ent.- O que você acha que pode acontecer quando você tiver filhos?

⁴ Nome fictício.

M- Depende não tenho idéia.

Ent.- Você tem medo que eles se envolvam em alguma galera ?

M- Tenho muito medo o bom só foi as pessoas que eu conheci que hoje parou de pichar também. Minha mãe é doente hoje por minha causa toma remédio ela está até encostada e tudo por minha causa.

Ent.- Ela sabia que você era de gangue ?

M- Sabia porque quando eu comecei eu sai de casa eu conheci um menino que era pichador e esse menino morreu ai quando ele morreu eu comecei a me envolver muito com os pichadores, briguei com minha mãe, ai eu sair de casa. Um dia meu pai me encontrou na rua e pediu pra mim voltar pra casa ,ai eu disse: 'pai eu volto mais falo logo pra vocês eu to pichando' porque eles não deixava eu ir pra rua, minha mãe é evangélica, ai eu falei que tava pinchando e hoje eu vou pra um frevo [farra] e essa é minha vida não vou mais pra escola, só vou pichar e ir pra frevo, nem sei o que vai ser quando eu tiver filho.

Ent.- você tinha quantos anos ?

M-15 anos (Grupo focal, mulheres)

PONDERAÇÕES FINAIS

A humanidade de jovens transitando por transgressões, violências e riscos mais se mostra na discussão sobre vínculos, quer com a família consanguínea, quer com a família construída, a de rua, o que sugere que há caminhos, ainda que não transparentes nem fáceis, desses jovens virem a estar envolvidos em atividades com outros sinais e mais voltadas ao bem comum, estruturados na solidariedade, na amizade, em relações aos afetos, por fraternidades que relacionem o público e o privado.

Discute-se muito o tema família, e pouco o tema amizade, fratria, referências tão importantes para os jovens.

A pesquisa (Abramovay et al 2010) não sustenta inculpações da família pelas trajetórias de seus filhos ainda que haja casos, poucos, de pais e mães em trajetórias também

de transgressões. A pesquisa quando se estende para compreender ambiências familiares, mais desvenda redes de vulnerabilizações que se condicionam, vitimizando muitos, ou seja defende-se que em estudos sobre jovens em atividades consideradas transgressoras, são muitos os ambientes, fantasias, desejos, como o de fama e poder, que há que abordar.

As mães, principais esteios de famílias na pobreza ou fora dela, lidam com obstáculos pela sobrevivência material, com o fato, de serem mulheres chefes de família em sociedades e comunidades em que mulher não chefia nem o próprio corpo. De terem que conciliar trabalhos em distintas esferas, ou o desemprego e batalharem por dar apoio afetivo e investir em capitais vários para seus filhos, como a formação em valores apreciados como os 'do bem'. Nem sempre tais desafios podem ser conjugados, sacrificando-se presença, atenção e cuidados que não são supridos por outras instituições.

Não se estaria diante de clássicos casos de pais que não impõem limites aos seus filhos, mas de pais, e principalmente mães que são limitados e se impõem limites em meios de tantos apelos ao prazer sem limites, para possivelmente não deixarem os filhos sem proteção contra perigos que fogem ao seu controle. São muitas mães e alguns pais que têm que lidar com muitos limites, sem rede de segurança social pública e que sofrem com os riscos que cercam seus filhos e filhas, mais a culpa e o estigma social, apoiado por muitos conhecimentos competentes, de não serem 'boas mães ou pais' pelas vidas pelas quais os filhos se enveredam.

Não se orientou o estudo (Abramovay et al 2010) por análise do inconsciente, fantasias e privações condicionadas na primeira infância, nem no ambiente familiar nesse tempo. Não há como esgrimir saberes, contrapondo a ênfase de Winnicott sobre a importância de privações, perdas, na relação mãe e lactantes para condicionar comportamentos anti sociais. Mas concordamos que falta complementar conhecimentos sobre jovens em situações tidas como de delinquência, que decolem de vivências e condicionamentos sociais, com análises do inconsciente e da primeira infância, reconstruindo trajetórias, histórias de vida por diversos ambientes.

A ausência de referências não está, pois, na esfera de responsabilidade dos pais, mas na conjuntura social específica desta parcela da população, jovens da periferia. Os jovens de

classe média e alta que não têm a família como referência para trajetória quanto a valores e estudo tendem a contar com a escola para lhes transmitir capital cultural, ou instâncias legítimas de construção de outras referências. Os jovens entrevistados, por sua vez, ao não encontrarem parâmetro a ser seguido na vida dos pais (em grande medida, em consequência da valorização do espetacular, tampouco encontram subsídios para construção de outros modelos que não passem pelo risco e, em certo sentido, pela transgressão.

Defendo que são muitos os ambientes, as relações sociais a serem discutidas e que a busca do gregário, da amizade, do estar junto, por famílias outras que não a consangüínea é de fato um alerta que há que mais diversificar as referências quanto a ambientes de significação para jovens e considerar trajetórias de vida e não somente condicionamentos pretéritos. Ou seja, que há mais que buscar pela interdisciplinaridade embaralhar subjetividades, fantasias, o inconsciente com ambiências sociais e culturais, restrições da modelagem da economia política e de tempos de ‘eterno presente’ e ênfase em busca de prazer e de aparecer, de reconhecimento por poderes, que condicionam desejos e violências.

Em Abramovay et al (2010: p 278) se lê:

De um modo geral, esses grupos juvenis trazem marcadamente elementos como a busca por reconhecimento, a exaltação do sentimento de pertença e a aquisição de prestígio. Dentro desse contexto, enfatizam-se, nas dinâmicas entre e intra-gangues, valores como coragem, fama e lealdade ao próprio grupo, os quais norteiam a proeminência conferida às identidades de [pessoas consideradas líderes], *donas de rocha e sujeitos cabulosos*, categorias de feminino e de masculino que sintetizam o ideal do ser gangueiro e a importância do poder e da fama

E poder e fama, mesmo que por violências, são comuns referências não somente de jovens transgressores, mas do ambiente sociedade contemporânea, em que se desvaloriza projetos sociais, causas coletivas. Como usar o potencial de ‘violência’ da juventude, sem tais nortes, sugere leitura de texto de Winnicott, baixo o sugestivo título “Um fim de luta”:

Se deixou de fazer sentido lidar com os nossos adolescentes difíceis preparando-os para lutar por seu rei ou país, perdemos algo a que tínhamos o hábito de recorrer e, assim, vemo-nos novamente diante do problema: existe uma adolescência, uma coisa em si mesma, com a qual a sociedade deve aprender a conviver.

Poderia ser dito que a adolescência é um estado de prepotência. Na vida imaginativa do homem, potencia não é apenas uma questão do ativo e do passivo em intercurso sexual; inclui a idéia da vitória do homem sobre o homem e de admiração da jovem pelo vencedor. Sugiro que tudo isso tem agora de se realizar na mística da lanchonete e nas ocasionais brigas de faca. A adolescência tem agora que conter-se, de conter-se como nunca tinha feito antes, e nós temos de levar em conta que a adolescência tem um potencial bastante violento.

Quando pensamos nas atrocidades ocasionais da juventude moderna, devemos contrabalançá-las com as mortes que resultariam da guerra que não mais terá lugar, com toda a crueldade da guerra que não vai haver e com toda a sexualidade livre que acompanhou cada guerra que houve e não voltará a haver. Assim a adolescência chegou para ficar e , com ela, a violência e o sexo que lhe são inerentes.

Uma das primeiras lições que temos a aprender é que a adolescência não é algo que possa ser empurrado para fora do palco por falsas manobras. (Winnicott, 2005, p 168-177 In conferencia proferida para equipe de seniores do Departamento Infantil do London County Council, fevereiro de 1961. Revisto e publicado em 1963).

REFERENCIAS

Abramovay, M. (coord.); Cunha, A.L.; Calaf, P.P.; Carvalho, L.F. Castro, M.G; Fefferman, M; Neiva, R. R.; Maciel, M. “Gangues, Gênero e Juventudes. Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos”. Brasília, Secretaria de Direitos Humanos, 2010

Abramovay, M. e Castro, M. G. “Calidoscópico de violências nas escolas”, Brasília, Missão Criança, 2006

Le Breton, D. “Passions du Risque”, Paris, Métalié, 1991

Mead, Hebert “Mind, Self and Society” Chicago, University of Chicago Press, 1934

Waiselfisz, J. “Mapa da Violência. Crianças e Adolescentes no Brasil, 2012”, Rio de Janeiro, FLACSO-Brasil e CEBELA, 2012

-----“Mapa da Violência 2011. Os Jovens do Brasil” Brasília, Instituto SANGARI, Ministério da Justiça, 2011

Winnicott, D. W. “*Algumas Considerações sobre o Significado da Palavra Democracia*” in Winnicott, D.W. “A família e o desenvolvimento individual”, p 227-247, São Paulo, Martins Fontes, 2011

-----“Privação e Delinquência” São Paulo, Martins Fontes, 2005

-----“Tudo começa em casa” São Paulo, Martins Fontes, 2011

